

Corações Gelados

Laurie Halse Anderson

ASA

001

E ela conta-me, as palavras a saírem com as migalhas do queque de arandos, as vírgulas caídas no café.

Conta-me em quatro frases. Não, cinco.

Não posso permitir-me ouvir isto, mas é tarde demais. Os factos insinuam-se e esfaqueiam-me. Quando ela chega à parte pior

... corpo encontrado num quarto de motel, só...

... os meus muros erguem-se e as minhas portas trancam-se. Vou assentindo como se estivesse a ouvir, como se estivéssemos a comunicar, e ela nem dá pela diferença.

Não é bonito quando morrem raparigas.

002

– Não queríamos que soubesses na escola ou pelas notícias. – A Jennifer mete o último bocado de queque na boca. – Tens a certeza de que estás bem?

Abro a máquina de lavar louça e debruço-me sobre a nuvem de vapor que dela sai. Quem me dera poder entrar nela e enrolar-me entre uma taça e uma travessa. ~~A minha madrastra~~ Jennifer podia fechar a porta, virar o manípulo para ESCALDAR e ligar a máquina.

O vapor congela quando chega à minha cara.
– Estou bem – minto.
Ela pega na caixa de bolachas de aveia com passas que está em cima da mesa.
– Deve ser pavoroso. – Rasga a fita de cartão. – Pior do que pavoroso. Não te importas de me dar uma caixa limpa?
Tiro uma caixa de plástico transparente do armário e passo-lha por cima da ilha.
– Onde está o pai?
– Teve reunião na Faculdade.
– Quem é que te contou da Cassie?
Ela esboroa as beiras das bolachas antes de as guardar na caixa, para dar a impressão de que são caseiras e não de compra.
– A tua mãe ligou ontem à noite, já tarde, com a notícia. Quer que vás já à Dr.^a Parker, em vez de esperares pela próxima consulta.
– O que te parece a ti? – pergunto.
– É boa ideia – responde ela. – Vou ver se ela consegue receber-te esta tarde.
– Não te rales. – Puxo para fora a prateleira de cima da máquina de lavar louça. Os copos vibram com gritinhos quando lhes toco. Se lhes pegar, partem-se todos. – Não vale a pena.
Ela para a meio de esmigalhar.
– A Cassie era a tua melhor amiga.
– Já não é. Vou à consulta da Dr.^a Parker na semana que vem, como está combinado.
– A decisão deve ser tua, mas prometes que ligas à tua mãe e que lhe falas disso?
– Prometo.
Jennifer olha para o relógio do micro-ondas e chama:
– Emma, quatro minutos!
~~A minha irmã emprestada~~ Emma não responde. Está na sala de estar, hipnotizada pela televisão e uma tigela de cereais azuis.
Jennifer debica uma bolacha.
– Não é para dizer mal de quem já cá não está, mas ainda bem que já não te davas com ela.

Empurro a prateleira de cima e puxo a de baixo.

– Porquê?

– A Cassie estava uma lástima. Ainda te levava com ela.

Pego na faca da carne que está escondida no ninho das colheres. O cabo preto está quente. Quando a tiro, a lâmina corta o ar, divide a cozinha em fatias. Numa está a Jennifer, a meter bolachas de compra numa caixa de plástico para a turma da filha. Noutra está a cadeira vazia do meu pai, a fingir que ele não tem escolha naquelas reuniões de manhã cedo. A sombra da minha mãe, que prefere falar ao telefone em vez de cara a cara, porque demora tempo demais e geralmente termina aos berros.

Aqui está uma rapariga de faca na mão. Há gordura no fogão, sangue no ar, e palavras irritadas empilhadas aos cantos. Somos treinadas para não ver, para não ver nada disso.

... corpo encontrado num quarto de Hotel, só...

Acabaram de me arrancar as pálpebras.

– Graças a Deus que tu és mais forte do que ela era. – Jennifer esvazia a caneca do café e limpa as migalhas dos cantos da boca.

A faca entra no cepo com um sussurro.

– Pois. – Pego num prato, limpo de sangue e cartilagem. Pesa cinco quilos.

Ela fecha a tampa da caixa das bolachas.

– Tenho um compromisso. Não te importas de levar a Emma ao treino? Começa às cinco.

– Qual é o campo?

– Richfield Park, passando o Centro Comercial. Toma. – Ela passa-me a caneca pesada, o batom a fazer uma meia-lua na borda. Pouso-a no balcão e tiro os pratos um de cada vez, com os braços a tremer.

Emma entra na cozinha e pousa a tigela dos cereais, meio cheia de leite da cor do céu, ao lado do lava-louça.

– Não te esqueceste das bolachas? – Pergunta ela à mãe.

Jennifer chocalha a caixa de plástico.

– Estamos atrasadas, fofinha. Traz as tuas coisas.

Emma arrasta-se na direção da mochila, os atacadores desatados. Ainda deveria estar a dormir, mas a mulher do meu pai leva-a à escola cedo quatro manhãs por semana, para aulas de violino e de conversação em francês. O terceiro ano não é demasiado cedo para começar a valorização pessoal, sabiam?

Jennifer levanta-se. O tecido da saia está tão justo nas ancas que os bolsos parecem bocas. Ela tenta alisar os vincos.

– Não deixes a Emma convencer-te a comprar batatas fritas antes do treino. Se tiver fome, pode comer uma taça de fruta.

– Queres que fique à espera e a traga para casa?

Ela abana a cabeça.

– Os Grants fazem isso. – Tira o casaco das costas da cadeira, enfia os braços nas mangas e começa a abotoá-lo.

– Porque é que não comes um queque? Ontem comprei laranjas, ou podias fazer torradas ou gaufres congeladas.

~~Porque não me posso permitir querer comê-los~~ Porque não preciso de queques (410), não me apetece laranjas (87) nem torradas (87), e as gaufres (180) dão-me engulhos.

Aponto para a tigela vazia em cima da bancada, ao lado do amontoado de frascos de comprimidos e da caixa dos *Bluberridazzlepops*.

– Vou comer cereais.

Os olhos dela dardejам para o armário onde afixou o meu plano de refeições. Veio com os documentos da alta quando cá cheguei, há seis meses. Tirei-o dali três meses depois, quando fiz dezoito anos.

– É pequeno demais para ser uma dose completa – diz ela com cuidado.

~~Podia comer a caixa inteira~~ Provavelmente nem sequer encho a tigela.

– Dói-me o estômago.

Ela abre a boca outra vez. Hesita. Sopra pela cozinha quieta um bafo amargo de hálito matinal manchado de café e banha-me. *Não digas – não digas.*

– Confiança, Lia.

Ela disse.

– É esse o problema. Especialmente agora. Não queremos...

Se eu não estivesse tão cansada, metia a *confiança* e o *problema* pela conduta do lixo e deixava-os correr o dia todo.

Tiro uma tigela maior da máquina de lavar louça e ponho-a em cima da bancada.

– Eu estou bem. Está bem?

Ela pestaneja duas vezes e termina de abotoar o casaco.

– Está bem. Compreendo. Ata os atacadores, Emma, e vai para o carro.

Emma boceja.

– Espera aí. – Baixo-me e dou laçadas nos atacadores da Emma. Duplas. Olho para cima.

– Não posso estar sempre a fazer isto, sabias? Já és crescidinha.

Ela sorri e dá-me um beijo na testa.

– Podes pois, tolinha.

Quando me levanto, Jennifer dá dois passos desajeitados na minha direção. Eu aguardo. Ela é uma traça pálida, redonda, cheia de base casca de ovo, armada para o dia com a pasta de bancária, mala e telecomando do monovolume em leasing. Ela mexe-se, com nervoso miudinho.

Eu aguardo.

É agora que nos deveríamos abraçar ou beijar ou fazer de conta.

Ela ata o cinto à cintura.

– Olha... continua em movimento hoje, está bem? Tenta não pensar muito nas coisas.

– Pois.

– Despede-te da tua irmã, Emma – ordena Jennifer.

– Adeus, Lia. – Emma acena e faz-me um sorrisinho de cereais com mirtilos. – Os cereais são mesmo bons. Podes acabar a caixa, se quiseres.

Deito cereais a mais (150) na tigela, e molho-os com o leite de dois por cento de gordura (125). O pequeno-almoço é «a refeição mais importante do dia». O pequeno-almoço há de fazer de mim uma cam-pe-ã.

... *Quando eu era pequena, com pai e mãe e uma casa e nada de lâminas a relampejar*, o pequeno-almoço era mistura de cereais coberta de morangos frescos, sempre comido a ler um livro encostado à tigela da fruta. Em casa da Cassie comíamos gaufres com xarope diluído feito a partir dos áceres, e não xarope de milho fíngido, *e líamos as páginas da banda desenhada...*

Não. Não posso pensar nisso. Não quero pensar. Não quero olhar. Não quero poluir as minhas entranhas com *Bluberridazzle pops* nem com queques nem com tiras de torrada barulhentas. A porcaria e os erros de ontem já saíram de dentro de mim. Estou brilhante e cor-de-rosa por dentro, limpa. *Vazia é bom. Vazia é forte.*

Mas tenho de conduzir.

... *Conduzi o ano passado, vidros abertos, música aos berros, primeiro sábado* de outubro, a voar rumo aos exames. Conduzi para que a Cassie pudesse retocar o verniz das unhas. Éramos irmãs secretas com um plano de domínio mundial, o potencial a efervescer à nossa volta como champanhe. A Cassie riu-se. Eu ri-me. Éramos a perfeição.

Comi o pequeno-almoço? Claro que não. Comi o jantar na noite anterior, ou o almoço, ou qualquer coisa?

O carro à nossa frente travou quando o semáforo passou a amarelo e depois a vermelho. A minha chinela de enfiar no dedo pairou sobre o pedal. Deixei de ter visão periférica. Um formigueiro preto enrolou-se-me na espinha e embrulhou-me os olhos como um lenço de seda. O carro à nossa frente desapareceu. O volante, o tablié,

desapareceram. Não havia Cassie, não havia semáforo. Como é que eu ia parar aquilo?

A Cassie gritou em câmara lenta.

::marshmallow/ar/explosão/saco::

Quando acordei, um paramédico e um polícia estavam de sobrolho franzido. O condutor do carro onde eu batera gritava ao telemóvel.

A minha pressão arterial era a de uma cobra fria. O coração estava cansado. Os pulmões queriam dormir a sesta. Enfiaram-me uma agulha, encheram-me como um balão de feira e despacharam-me para um hospital com enfermeiras de olhar metálico que tomavam nota de todo e qualquer número mau. A caneta. Apanharam-me.

A mãe e o pai apareceram a correr, lado a lado, para variar, contentes por eu não ter morrido. Uma enfermeira mostrou a ficha à minha mãe. Ela leu tudo e explicou a catástrofe ao meu pai e eles depois brigaram, um aluimento de discussão que se derramou nos lençóis anticéticos e chegou ao corredor. Eu andava stressada/sobrecarregada/maníaca/não – deprimida/não – precisada de atenção/não – precisada de disciplina/precisada de descanso/precisada de/a culpa é tua/a culpa é tua/culpa/culpa. Marcaram a ferro e fogo o balão de pele que era aquela rapariga.

Fizeram-se telefonemas. Os meus pais fizeram-me marchar à força para o ~~inferno no monte~~ *New Seasons*...

A Cassie escapou, como de costume. Sem um arranhão. O seguro mais do que cobriu o estrago, e ela ficou com o carro arranjado e colunas novas. As nossas mães tiveram uma converseta mas, realmente, todas as raparigas passam por estas coisas e o que é que se há de fazer? A Cassie conseguiu adiar o exame e arranjou as unhas num salão, *Enchanted Blue*, enquanto eles me trancavam e metiam água com açúcar pelas veias vazias...

Lição aprendida. Conduzir implica combustível.

Mas não os cereais *Bluberridazzle pops* da Emma. Até estremeço, e depois livro-me daquela mistela empapada pelo cano abaixo, e pouso a tigela no chão. Os gatos da Emma, *Kora* e *Pluto*, atravessam a cozinha e metem as cabeças dentro da tigela. Eu desenho uma cara com uma grande língua de fora num *post-it* e escrevo DELICIOSO, EMMA! OBRIGADA! e pespego-a na caixa dos cereais.

Como dez passas (16) e cinco amêndoas (35) e uma pera de barriga verde (121) (=172). Os bocadinhos rastejam-me pela garganta abaixo. Tomo as vitaminas e as sementes loucas que me impedem o cérebro de explodir: uma roxa comprida, uma branca gorda, duas vermelhas papoilas. Empurro toda a gente com água quente.

É bom que façam efeito bem depressa. A voz de uma rapariga morta aguarda por mim no telemóvel.

004

A subida ao andar de cima demora mais do que o habitual.

Durmo na outra ponta do corredor, no espacinho que ainda está decorado como quarto de visitas. Paredes brancas. Cortinados amarelos. O sofá-cama está sempre aberto, a escrivanhinha foi comprada em segunda mão. A Jennifer está sempre a oferecer-se para me comprar mobília nova, e para mandar pintar ou colocar papel de parede. Eu digo-lhe que ainda não sei bem o que quero fazer. Provavelmente deveria desempacotar primeiro os caixotes cheios de pó.

O meu telemóvel está à espera em cima do monte de roupa suja, mesmo onde aterrou quando o atirei contra a parede no domingo de manhã cedo, porque estava sempre a tocar e a dar comigo em doida e eu estava demasiado cansada para o desligar.

... *A última vez que ela me ligou* foi há seis meses, depois de eu sair do hospital pela segunda vez. Eu andava a ligar-lhe quatro ou cinco vezes por dia, mas ela não atendia nem me ligava, até que por fim, ligou.

Pedi-me para ouvir e disse que não iria demorar muito.

Eu era a origem de todo o mal, disse a Cassie. Uma influência negativa, uma sombra tóxica. Enquanto eu estivera internada, os pais dela tinham-na arrastado para um médico que lhe fizera uma lavagem ao cérebro e a enchera de comprimidos e palavras vãs. Ela precisava de andar com a vida para a frente, redefinir limites, disse ela. Eu era a razão pela qual ela fizera gazeta e chumbara a Francês, a causa de tudo o que era mau e perigoso.

Errado. Errado. Errado.

Eu era a razão pela qual ela não fugira de casa quando era caloiira. Eu era a razão pela qual ela não emborcara um frasco de comprimidos para dormir quando o namorado a enganara. Ouvi-a durante horas quando os pais gritaram com ela e a tentaram meter numa forma de manequim que não lhe servia. Eu compreendia o que desencadeava os seus terramotos, a maioria deles. Eu sabia o quanto lhe custava ser filha de pessoas que não nos veem, nem se estivermos à frente delas a bater o pé.

Porém, era complicado demais para a Cassie lembrar-se disso tudo. Era mais fácil largar-me uma última vez. Ela transformou o meu verão numa desolação desértica. Quando as aulas começaram, ela olhava para mim sem me ver nos corredores, as amigas novas penduradas ao pescoço como colares do Carnaval. *Ela apagou-me da face da sua existência.*

Contudo, alguma coisa aconteceu. No tempo morto entre a noite de sábado e a manhã de domingo, ela ligou-me.

Claro que não atendi. Ela ligava porque estava bêbeda, ou porque lhe apetecia gozar-me. Eu não ia deixá-la enganar-me outra vez para ser sua amiga, só para ela poder dar cabo de mim mais uma vez.

... corpo encontrado num quarto de motel, só...

Não atendi. Não ouvi as mensagens ontem. Estava zangada demais até para olhar para o telemóvel.

Ela ainda está à minha espera.

Sento-me na pilha de calças de pijama e camisolas por lavar e desencanto o telemóvel. Abro-o. A Cassie ligou-me trinta e três vezes, a começar às onze e meia da noite de sábado.

OUVIR CORREIO DE VOZ

«Lia? Sou eu. Liga-me.»

Cassie.

Segunda mensagem:

«Onde estás? Liga-me. Cassie.»

Terceira:

«Não estou a brincar, *Overbrook*. Preciso mesmo de falar contigo.»

Cassie, há dois dias, sábado.

«Liga-me.»

«Por favor, por favor, liga-me.»

«Ouve, desculpa, ter sido tão cabra. Por favor.»

«Eu sei que tu recebes as mensagens.»

«Depois logo ficas zangada comigo, está bem? Agora preciso mesmo de falar contigo.»

«Tinhas razão: a culpa não era tua.»

«Não tenho mais ninguém com quem falar.»

«Oh, Deus.»

Da 1:20 às 2:55, ela ligou e desligou quinze vezes.

A seguir:

«Por favor, Lia-Lia.» A voz soava entaramelada.

«Estou tão triste. Não consigo sair disto.»

«Liga-me. É uma trapalhada.»

Ligou e desligou mais duas vezes.

3:20, muito entaramelada:

«Não sei o que hei de fazer.»

3:27:

«Tenho saudades tuas. Saudades.»

Enterro o telemóvel no fundo da pilha e visto uma camisola mais pesada antes de ir para o carro. O inverno chega mais cedo em New Hampshire.

O meu sentido de oportunidade é perfeito, e acabo metida num engarrafamento. Os carros à minha volta são conduzidos por vacas gordas e bois aos gritos. Vamos andando, a dez à hora. Eu consigo correr mais depressa do que isto. Travamos. Eles mordem o freio e mugem para os telemóveis até a manada toda engatar a mudança e avançar outra vez.

Vinte e cinco quilómetros por hora. Não consigo correr assim tão depressa.

Algures entre Martins Corner e a Route 28, começo a chorar. Ligo o rádio, canto a plenos pulmões, desligo outra vez. Bato no volante com os punhos até ver as nódoas negras e, a cada quilómetro, choro ainda mais. Cai-me chuva pela cara abaixo.

... corpo encontrado num quarto de motel, só...

O que estaria ela lá a fazer? Em que estaria a pensar?

Terá sofrido?

Não vale a pena perguntar porquê, embora toda a gente vá perguntar. A pergunta mais difícil é «porque não?» Não posso crer que ela tenha esgotado as respostas antes de mim.

Preciso de correr, de voar, de bater as asas com tanta força que não consiga ouvir nada além do bater descompassado do coração. Chuva, chuva, chuva, a submergir-me.

Terá sido fácil?

Não escolho atalhos nenhuns, não me esqueço de virar na mercearia da esquina, não me perco, nem sequer de propósito. Chego à escola em piloto automático; atrasada, quanto a eles, adiantada, quanto a mim. Os últimos autocarros acabaram de encostar à porta da frente.

Saio e tranco o carro.

O vento inclemente de novembro varre-me na direção do edifício. Caem em espiral flocos de neve pontiagudos, das nuvens que mais parecem cobertura de bolos. A primeira neve. Magia. Toda a gente para e olha para cima. Os gases dos escapes dos autocarros congelam, prendem o barulho todo numa nuvem suja. As portas para a escola também congelam.

Inclinamos as cabeças para trás e abrimos bem a boca.

A neve cai nas nossas bocas de *zombie* cheias de gordura e palavras e flocos de tabaco e cáries e baba de namorado/namorada, a nódoa das mentiras. Por um momento que seja, não somos experiências falhadas e preservativos furados e cábulas nos exames; somos lápis de cera e lancheiras, e voamos tão alto que os ténis abrem buracos nas nuvens. Por uma fração que seja, tudo parece melhor.

Depois derrete.

Os motoristas dos autocarros dão à chave e a nuvem de gelo estilhaça-se. Toda a gente arrasta os pés para a frente. Não sabem o que acabou de acontecer. Não se conseguem lembrar.

ela telefonou-me.

Volto para o carro, entro, ligo o aquecimento, limpo a cara à *T-shirt*. 7:30. A Emma saiu agora de Francês e está a tirar o violino da caixa. Vai passar tempo de mais a passar resina no arco e tempo de menos a afinar as cordas. O Concerto de Inverno realiza-se dentro de algumas semanas, e ela ainda não sabe as canções. Devia ajudá-la com isso.

A Cassie está na morgue, calculo. Esta noite dormiu lá numa gaveta prateada, os olhos a habituarem-se à escuridão.

A Jennifer disse que vai haver autópsia. Quem é que lhe vai cortar a roupa? Será que lhe dão banho, estranhos a tocarem-lhe na pele? Será que ela os consegue ver? Será que chora?

Dá o último toque, e as últimas pessoas no parque de estacionamento lançam-se para a porta da escola. Só mais uns

minutos. Não posso entrar enquanto os corredores não estiverem vazios e só quando os professores tiverem adormecido toda a gente com o tédio e ninguém repare que eu me esgueiro pelos corredores fora.

Viro-me e limpo um lugar no banco de trás, empurro para um lado os testes, as camisolas e os livros que já deviam ter sido entregues na biblioteca, para que a Emma possa sentar-se quando eu a for buscar. A Jennifer insiste em fazê-la sentar-se atrás. Diz que é mais seguro.

Não há nada mais seguro. Nem sequer há nada seguro, nunca houve.

A Cassie achava que o céu era um conto de fadas para gente estúpida. Como é que se pode encontrar um sítio em que não se acredita? Não se pode. Para onde é que ela vai agora? E se ela voltar, olhos coruscantes de fogo?

7:35. São horas de ir à escola e deixar de pensar.

006

Não há Opção de Mérito para mim, este ano, não. Tenho Literatura Contemporânea Mundial, Ciências Sociais 12 – Holocausto, Física, Trigonometria (outra vez) e Almoço. Não há ginástica, graças a um bilhete mágico da Dr.^a Parker. Há asteriscos junto ao meu nome e notas de rodapé a explicar a situação.

... *Quando eu era uma verdadeira rapariga*, a minha mãe dava-me os seus sonhos de vidro uma colher de cada vez. Harvard. Yale. Princeton. Duke. Licenciatura. Medicina. Estágio, internato, Deus. Ela escovava-me o cabelo e entrançava-o com palavras compridas, a tecer as raízes latinas e os ramos gregos na minha cabeça para que a memorização da anatomia se desse com facilidade. A Mãe Dr.^a Marrigan ficou fura com a orientadora que me tirou dos Méritos e me atirou

para a Bolsa de Carenciados. A orientadora sugeriu que eu pensasse em ir para a Faculdade do meu pai, porque tinham de me deixar entrar. Propinas gratuitas para filhos de professores, lembrou ela.

Fiquei aliviada.

Nessa noite, a Dr.^a Marrigan disse-me que eu era esperta demais para ser uma caloira molengona. Queria que me pusessem à prova a título particular, para mostrar que sou genial e que a escola não está a obviar às minhas necessidades. Mas depois fiz borrada outra vez e eles meteram-me no hospital e, quando saí, mudei as regras todas.

Eu tinha fantasias em que fazia as provas da Mensa para mostrar que não sou um fracasso completo. Talvez atingisse uma pontuação de génio e rebentasse com a escala. Depois tirava cem mil fotocópias dos resultados, forrava com elas as paredes da casa da minha mãe, pegava num balde de tinta encarnada e numa trincha, e escrevia HA! um milhão de vezes.

Mas havia boa hipótese de chumbar. *Eu não queria mesmo nada saber.*

Dá o toque. Os alunos passam de uma sala para outra. Os professores amarram-nos às cadeiras e despejam mundos nos nossos ouvidos.

As persianas estão descidas e as luzes apagadas no laboratório de Física, para podermos ver um filme sobre a velocidade da luz e a velocidade do som e qualquer outra treta que não interessa nada. Há fantasmas à espera nas sombras da sala, brilhos baços e pacientes. Os outros também os conseguem ver, eu sei. Todos temos medo de falar do que olha para nós no meio da escuridão.

Pela sala passam ondas de partículas de Física.

ela telefonou-me trinta e três vezes.

Um fantasma enrola-se em mim, faz-me festinhas no cabelo e põe-me a dormir.